

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ETNOCONHECIMENTO: PARCEIROS PARA A CONSERVAÇÃO DA DIVERSIDADE DE AVES PANTANEIRAS*

Samuel Borges de Oliveira Júnior**

Michèle Sato***

RESUMO

Nosso país apresenta uma enorme variedade de modos de vida e culturas diferenciadas que, por estarem relativamente isoladas, acabaram desenvolvendo relações particulares em extrema dependência com os ciclos naturais, apresentando, entre outras características, simbologias e mitos vinculados ao ambiente. Entre tais comunidades, temos as pantaneiras de São Pedro de Joselândia e da Barra do Piraim, que por estarem tão próximas à vida silvestre local, possuem um vasto conhecimento sobre esses animais. Assim, o objetivo deste trabalho foi verificar a percepção que os moradores das referidas comunidades têm sobre a avifauna local, para a partir desse conhecimento adquirido, buscar alternativas viáveis para a conservação de tais espécies. Nossa aliada nessa caminhada é a Educação Ambiental que busca a integração entre os meios biológicos e sociais, na tentativa da conservação do conhecimento local e de nossa diversidade.

Palavras-chave: Conhecimento local; Diversidade biológica e cultural; Educação Ambiental.

* Artigo enviado para análise na Revista Ambiente e Educação, FURG/RS.

** Pesquisador GPEA/UFMT (samuka@cpd.ufmt.br).

*** Doutora em Ciências, professora da Universidade Federal do Mato Grosso.

ABSTRACT

Our country has an enormous variety of ways of life and cultures which end up developing specific relations based on the dependence upon natural cycles, due to the fact that they are somewhat isolated. Among other characteristics, their symbols and myths are linked to the environment. These communities include the swamp communities *São Pedro de Joselândia* and *Barra do Piraim*, where people have vast knowledge about the animals that comprise the wildlife in the neighborhood. Therefore, this paper aims at verifying the perception these swamp dwellers have of the local bird fauna; based on this knowledge, we propose viable alternatives to preserve these species. Environmental Education is our ally in this attempt: it aims at integrating biological and social means so that the local knowledge and our diversity can be preserved.

Key words: Biological and Cultural Diversity; Environmental Education; Local Knowledge.

1 – INTRODUÇÃO

Atualmente estamos constatando que a gravidade dos problemas ambientais no mundo está afetando o funcionamento do sistema como um todo. Devido aos modelos consumistas, que valorizam a acumulação de bens, a competição excessiva e o individualismo, o ser humano está perdendo a noção de respeito e solidariedade, querendo sempre ter mais, não se importando com o que tenha que fazer para conseguir tudo aquilo que almeja. O ser humano afastou-se da natureza, não percebendo que ele também é a natureza. Esse pensamento circunscreve-se na filosofia antropocêntrica, tornando suas ações e linhas de pesquisas voltadas ao utilitarismo. O utilitarismo é uma maneira de se explicar como as relações sociais são resultado das ações individuais, muitas vezes egoístas. Essa valorização do individualismo só pode ser aplicada coerentemente onde existam condições de concorrência e competição. Essas condições vão de encontro aos ideais da Educação Ambiental (EA), que prega a coletividade e a sustentabilidade. Na postura antropocêntrica, segundo Grün (1996, p. 44), “o homem é considerado o

centro de tudo e todas as demais coisas do universo existem única e exclusivamente em função dele. O antropocentrismo é um mito de extrema importância para a manutenção da crise ecológica”.

Segundo Guattari (2001, p. 7), “o planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos”. Todo esse desequilíbrio ambiental, desastres ecológicos, consumismo, individualismo e ambição por parte do ser humano comprometem intensamente a vida do nosso planeta Terra. O que está em questão, de acordo com Guattari (2001, p. 8), “é a maneira de se viver daqui em diante sobre este planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico”.

O “descobrimento do Brasil” pode representar um mal estar histórico, se considerarmos que inúmeras nações indígenas já habitavam nossas terras. A primeira missa realizada pelos portugueses evidencia os primórdios dos impactos ambientais e do perverso processo colonizador. Enquanto o extrativismo acelerado era marcado pelo machado e fogo destruindo nossa fauna e flora, a maioria da população brasileira continuou dependendo da agricultura latifundiária. Assim, o conceito de desenvolvimento, inscrito na bandeira brasileira como “Ordem e Progresso”, e ainda vivo nas mentes dos governantes e sociedades, corrobora com a depredação de uma exuberante natureza, além de fomentar desigualdades sociais.

Se a relação social for autoritária e vertical, ou seja, hierárquica, assim refletirá no modo do ser humano se situar no mundo. A natureza, nesse contexto, está baseada no que concebemos sobre a sociedade. Se a história nos revela domínio, a biodiversidade estará ameaçada. No ambientalismo, é consenso defender a biodiversidade, porém, há uma resistência à diversidade cultural. A perda da diversidade não está restrita apenas ao ambiente biológico, mas também ao ambiente social.

Apesar de um significativo aumento do conhecimento ecológico ser evidente nas últimas décadas, percebe-se que vários ecossistemas brasileiros e suas comunidades estão severamente ameaçados e muitos destes permanecem pouco conhecidos para sua utilização sustentável. Além disso, mesmo naqueles ambientes de que se tem um conhecimento razoável de sua flora e fauna, não é possível, com base no modelo atual de desenvolvimento socioeconômico, evitar-se o processo de degradação contínua a que estão submetidos (Barbosa, 2001).

Foi nesse contexto que surgiu a idéia de realizar a presente pesquisa com o conhecimento local de comunidades pantaneiras, dentro do Programa Brasileiro de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração – PELD, cuja premissa principal é constituir um esforço colaborativo entre cientistas e estudantes que irão trabalhar nas diferentes regiões biogeográficas do país (Barbosa, 2001).

A Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, também está fazendo parte desse programa, através de pesquisas em diversas áreas. Este trabalho foi desenvolvido dentro de um do “Subprojeto EA Pantanal – Tecendo teias educativas em uma Unidade de Conservação”, cuja meta primordial é tentar contribuir para a implementação de um programa de EA na região da Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN-SESC Pantanal – através de estudos da historicidade local, projeções socioeconômicas e complexidade ambiental.

Assim, buscamos entrelaçar os conhecimentos locais (populares) aos universais (científicos), tecendo uma trama educativa para evidenciar que todo conhecimento é igual por direito e que a EA possui a responsabilidade da inclusão social com cuidados ecológicos.

Da preocupação com a perda da diversidade biológica e cultural, é que surgiu a idéia de se realizar um trabalho em EA, pois a EA, mais do que uma realidade, é uma necessidade, sendo essencial que haja a união entre educadores e educandos para uma melhor atuação nos processos de

transformações sociais, pois, conforme Guimarães (1995, p. 9), “a EA apresenta uma nova dimensão a ser incorporada ao processo educacional, trazendo toda uma recente discussão sobre as questões ambientais, e as conseqüentes transformações de conhecimento, valores e atitudes diante de uma nova realidade a ser construída”. Para esse autor, a EA ainda está em construção, inserida no pensar e fazer cotidiano educativo e contextualizado pelo campo ambiental. Essa interface híbrida inscreve-se na presente pesquisa, situando a dinâmica pantaneira como palco da EA.

Assim, o objetivo deste trabalho, junto às comunidades pantaneiras de São Pedro de Joselândia e da Barra do Piraim, pertencentes ao Distrito de Joselândia, Município de Barão de Melgaço/MT, foi verificar a percepção que os moradores possuíam sobre a avifauna local e, a partir desse conhecimento adquirido, buscar alternativas viáveis de intervenção, com o intuito de conservar tais espécies, além de realizar uma análise cognitiva dos relatos citados pelos moradores das comunidades com as descrições presentes em livros científicos.

2 – METODOLOGIA

A opção metodológica desta pesquisa se encontra no hibridismo do Biorregionalismo e da Etnometodologia, ambos ancorados na Fenomenologia, que conforme André (1995, p. 18), “ênfatisa os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações sociais que ocorrem em sua vida diária”.

O Biorregionalismo pode ser considerado a tentativa de restabelecer uma conexão entre as comunidades humanas de uma determinada região com seu ambiente natural. A visão biorregional nos

permite contemplar o local, o que está próximo e não apenas uma noção abstrata de lugar, ou seja, as particularidades de determinadas áreas. Ao recuperarmos a história de um determinado lugar, é possível desenvolver as relações entre a comunidade e o ambiente biofísico que ela habita. Além da proximidade com a terra, a visão biorregional apregoa o desenvolvimento de valores comunitários de cooperação, solidariedade e reciprocidade. De acordo com a visão biorregional, se o indivíduo estiver vivendo mais próximo da terra, com certeza ele também desenvolverá uma relação mais próxima com a comunidade (Grün, 2002; Sato e Passos, 2002).

Ao tentarmos realizar um trabalho com as comunidades, devemos estar cientes da necessidade de conhecermos quais são suas particularidades, que podem ser reconhecidas através das narrativas de seus moradores, que nos aproximam da realidade deles, numa troca constante de informações envolvendo sua cultura e seus hábitos.

Desta forma, a teoria biorregional torna-se fundamental para o desenvolvimento de uma boa educação, em especial à EA, pois, conforme Grün (2002, p. 94), “um currículo com valores e informações biorregionais poderia oferecer grandes vantagens para a educação ambiental. Tal currículo poderia ser formado levando em conta as formações naturais de cada biorregião”. Como a teoria do biorregionalismo está ancorada nas diferenças culturais, significa que cada região pode ter formas culturais extremamente variadas. Por causa de tais peculiaridades, um currículo, com uma orientação biorregional permite preservar a diversidade cultural em face de uma certa homogeneização advinda do processo de globalização econômica. Um currículo informado pela visão biorregional poderia manter certos valores nas comunidades, representando uma estratégia de resistência contra a homogeneização. Por isso, a EA deve se preocupar também com a diversidade cultural, pois, a apropriação do conhecimento e da

sabedoria dessas pessoas foi o que permitiu boa parte do desenvolvimento ocidental. O contato com essas populações, percebendo suas formas de comunicação, convivência, conhecimento minucioso da natureza, inspirou, inclusive, a criação de metodologias de observação científica (Catunda, 1994; Grün, 2002).

A Etnometodologia é outra corrente que vai influenciar a abordagem qualitativa de pesquisa. É o estudo de como os indivíduos compreendem e estruturam seu dia-a-dia. Seus principais focos de interesse são, portanto, os conhecimentos implícitos, as formas de entendimento do senso comum, as práticas cotidianas e as atividades rotineiras que forjam as condutas dos atores sociais (André, 1995).

A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Ela acaba se tornando uma certificação do conhecimento local, pois a atividade científica é o produto de um modo de conhecimento prático. O modo de conhecimento prático é a faculdade de interpretação que todo indivíduo, erudito ou comum, possui e aplica na rotina de suas atividades práticas cotidianas (Coulon, 1995).

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho foi realizado na comunidade de São Pedro de Joselândia e na comunidade da Barra do Piraim, ambas pertencentes ao município de Barão de Melgaço/MT, localizadas entre os Rios Cuiabá e São Lourenço. São comunidades que têm sua dinâmica influenciada pelos períodos de seca e cheia do Pantanal Mato-grossense.

A comunidade de São Pedro de Joselândia fica a aproximadamente 170 km de Cuiabá. Pode-se chegar ao local por meio de três formas: via terrestre, durante o período da seca; via aquática,

durante as cheias; e, via aérea. Possui aproximadamente 1500 habitantes, sendo as principais fontes de renda da comunidade a pecuária, a pesca e em menor grau a agricultura, que na maioria das vezes é de subsistência. Em sua composição, a comunidade possui uma igreja, algumas vendas (estabelecimentos comerciais) e uma escola, que é a Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Maria Silvino Peixoto Moura”, cujo nome é uma homenagem à primeira professora da região.

A comunidade da Barra do Piraim é um pequeno agrupamento de moradores que fica próximo às margens do Rio Cuiabá, onde moram quinze famílias que têm como fonte de renda o trabalho nas fazendas próximas, sendo seu sustento básico extraído da pesca, da criação de alguns animais, como porcos e galinhas e da agricultura de subsistência.

A coleta de dados foi dividida em pesquisas teóricas e práticas. Na parte prática, no período de março de 2003, a observação foi direta e participativa, através de entrevistas com os moradores, professores e alunos. Na comunidade de São Pedro de Joselândia foram 25 entrevistados, sendo quinze alunos, três professores e sete moradores. Na Barra do Piraim foram quatro entrevistados, sendo dois alunos e dois moradores.

A primeira parte da pesquisa foi realizada através de observação direta e entrevista com moradores, professores e alunos das duas comunidades. Foram feitas perguntas sobre quais aves existem, quais eram utilizadas com fins econômicos (alimento, remédio ou outro tipo de utilidade) e qual a relação simbólica dessas aves com a comunidade local.

Conhecer essa conexão ser humano – avifauna partiu do postulado de que toda e qualquer sociedade humana mantém seis conexões fundamentais: cosmológica, meteorológica, geológica e hidrológica, botânica, zoológica, humana e sobrenatural (Marques, 2001).

Através das entrevistas foram identificadas 73 espécies de aves, sendo que 21 delas, através dos relatos dos moradores, foram separadas em três grupos: as que eram utilizadas como alimentos (arancuã, jaó, juriti,

marrequinha, mutum e perdiz), as que eram utilizadas como animais de estimação (xerimbabo) (arara-azul, bico-de-prata, canário-da-terra, cardeal, coleirinha, João-pinto e pássaro-preto) e as que possuíam algum tipo de relação simbólica (acauã, amassa-barro, anu-preto, beija-flor, beme-te-vi, japuira, mutum, papagaio e urubu). Dessas 21 espécies, apenas o mutum foi citado em duas categorias distintas (alimento e símbolo).

As espécies que foram citadas como alimentos são as utilizadas para poder complementar a dieta alimentar. Tais espécies foram principalmente citadas na comunidade da Barra do Piraim, devido à mesma não ter os recursos que a comunidade de São Pedro de Joselândia possui.

As espécies citadas como xerimbabo, ou seja, animais de estimação, são aquelas que apresentam uma coloração exuberante ou por causa de sua vocalização melodiosa. Apesar de terem citados sete espécies, apenas uma espécie foi registrada em cativeiro (papagaio).

Dessas conexões levantadas, a simbólica foi a mais significativa, pois foi a que mais apresentou exemplos na pesquisa. Ao longo do dia e da noite, em nossa linguagem, nossos gestos ou nossos sonhos, quer percebamos isso ou não, cada um de nós utiliza os símbolos. Eles dão forma aos desejos, incitam empreendimentos, modelam comportamentos, provocam êxitos ou derrotas. Nas lendas, símbolos, expressões e linguagem do Pantanal, há sempre uma relação da cultura com a natureza, o que ocasiona essa riqueza na conexão simbólica entre seres humanos e as aves pantaneiras (Chevalier e Gheerbrant, 1999; Sato e Passos, 2002; Sato et al, 2002). Devemos ressaltar também que, apesar destas aves terem sido enquadradas nas três categorias, com certeza elas poderiam fazer parte de outras categorias que não foram citadas no presente trabalho.

A última parte desses resultados é proveniente de uma análise cognitiva dos relatos citados pelos moradores das comunidades com as descrições presentes em livros científicos, conforme Tabela 1. Segundo Marques (2001, p. 50), a análise cognitiva é realizada, “comparando-se

fragmentos mêmicos do **corpus** das entrevistas com fragmentos mêmicos da literatura pertinente”.

Tabela 1. Cognição comparada entre informações dos moradores de São Pedro de Joselândia e da Barra do Piraim e citações da literatura sobre as características das aves.

Citações das entrevistas com moradores de São Pedro de Joselândia	Citações da literatura
“O xexéu (japuira) imita outros bichos pra enganar quem vai atacar seu ninho”.	Ventríloquo; é comum os indivíduos selvagens imitarem perfeitamente aves e mamíferos” (Sick, 1997, p. 795).
“A arara azul é azulada, anda em bando, alimenta da polpa da castanha do acuri, bocaiuveira”.	“Plumagem totalmente azul-cobalto; os cocos de muitas palmeiras constituem sua alimentação predileta” (Sick, 1997, p. 355/366).
“O bem-te-vi alimenta de inseto e fruta”.	“O alimento consiste predominantemente de artrópodes; às vezes predominantemente vegetal” (Sick, 1997, p. 593).
“O biguá vive em bando; alimenta de pequenos peixes; a cor é preta”.	“Preto; o coro de muitos indivíduos soa ao longe como o ruído de um motor; piscívoros, apanham freqüentemente presas sem valor comercial” (Sick, 1997, p. 194).
“O biguatinga vive mais só; alimenta de pequeno peixe; a cor preta e marrom”.	“Negro com rico desenho branco sobre a asa; alimenta-se de insetos aquáticos, crustáceos, peixes” (Sick, 1997, p. 196).
“O cabeça seca alimenta de pequenos peixe e mussum”.	“Alimenta-se de peixes que ficaram isolados em lagoas formadas depois das enchentes” (Andrade, 1997, p. 44).
“O cracará alimenta de pequeno pássaro, ovos e resto de animais morto”.	“Gosta de comer caracóis, lagartixas, anfíbios, filhotes de garças e biguás” (Andrade, 1997, p. 57).
“O colhereiro alimenta de pequeno peixe”.	“Alimenta-se de animalejos aquáticos tais como peixinhos, insetos, moluscos e crustáceos” (Sick, 1997, p. 216).
“A curicaca alimenta de inseto, minhoca”.	“Alimenta-se de caramujos, gafanhotos, aranhas, lagartixas, pequenas cobras e outros animaizinhos” (Andrade, 1997, p. 46).
“A garça branca alimenta de pequenos peixe, sapo”.	“Alimentam-se principalmente de peixes, apanhando também insetos aquáticos, caranguejos, moluscos, anfíbios e pequenos répteis” (Andrade,

“O tucano alimenta de frutas, filhotes de outro pássaro e ovos”.

1997, p. 39).

“Alimenta-se de frutas nativas e, às vezes, preda ovos e filhotes de outras espécies” (Andrade, 1997, p. 101).

Percebemos com tais exemplos que as comunidades biorregionais possuem um vasto conhecimento, que apesar de não pertencer aos padrões considerados científicos, faz parte de todo um processo de relações e interações no cotidiano das mesmas. Esses conhecimentos são marcados por visões particulares, o que é um dos seus maiores valores. Segundo Morin (1991, p. 15), “todo o conhecimento, inclusive o conhecimento científico, está enraizado, inserido e dependente de um contexto cultural, social, histórico”.

Assim, um diálogo entre diferentes campos científicos se faz necessário, de forma que a clareza e a aplicabilidade de proposições científicas que englobem populações humanas passem pelo reconhecimento do valor dessas propostas pelas populações envolvidas, sendo necessário que o diálogo em questão priorize um enfoque ambiental (Campos Filho, 2003).

A EA é a tentativa de conciliar esses saberes, provocando a dinâmica pedagógica de aliar conhecimentos locais e universais, de valorizar o saber regional sem se despedir dos valores das ciências. Porém esse espaço híbrido nem sempre é compreendido. Entretanto, somente o risco dessa aventura intelectual possibilitará à EA uma construção diferenciada na ruptura da rigidez hierárquica imposta pelas ciências tradicionais.

Por isso, devemos trabalhar com as comunidades biorregionais, para compreender seu funcionamento e sua relação com o meio ao qual estão inseridas. A EA torna-se, então, muito útil, pois tenta fazer a ligação entre o social e a natureza, na tentativa da construção de novas formas de conservação, respeitando ambos os “lados da moeda”, pois,

conforme Sato et al (2002, p. 110), “considerar a EA como projeto político da construção da sociedade, torna-se assim, uma questão essencial a qualquer política ambientalista”.

Assim, a EA deve considerar que a criação de uma sociedade sustentável requer modificações, não somente no plano ecológico da manutenção dos ecossistemas, mas também na avaliação dos valores políticos e culturais que determinam o uso dos recursos naturais. Utilizar a EA na busca de novas alternativas de conservação é uma das saídas viáveis; porém, não podemos esquecer que problemas locais demandam soluções locais, pois, as propostas impostas ou produzidas distantes das realidades específicas não têm surtido efeito. Iniciativas locais, no entanto, só são passíveis quando há um engajamento e um empoderamento de indivíduos ou grupos, muitos dos quais até recentemente à margem dos processos de decisão (Sato et al, 2002; Pádua e Souza, 2003).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marco Antonio. **Aves Silvestres** – Minas Gerais. Belo Horizonte: Conselho Internacional para a preservação das aves, 1997. 176 p.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995. 130 p.

BARBOSA, Francisco Antonio R. Nova abordagem para a Ecologia e Conservação no Brasil. In: GARAY, Irene & DIAS, Bráulio. **Conservação da biodiversidade em ecossistemas tropicais**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 43-58.

CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da Silva. Uma paisagem pantaneira. In: COELHO, Maria de Fátima Barbosa et al. **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá: Unicen, 2003. p. 63-70.

CATUNDA, Marta. **O canto de céu aberto e de mata fechada**. Cuiabá: EdUFMT, 1994. 138 p.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro:

José Olympio, 1999. 996 p.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995. 134 p.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental** – a conexão necessária. Campinas: Papirus, 1996. 120 p.

GRÜN, Mauro. Hermenêutica, biorregionalismo e educação ambiental. **In:** SAUVÉ, Lucie et al. **Textos escolhidos em Educação Ambiental** – de uma América à outra. Quebec: Les Publications ERE-UQAN, 2002. Tomo I. p. 91-99.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11 ed. Campinas: Papirus, 2001. 56 p.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1995. 104 p.

MARQUES, José Geraldo W. **Pescando pescadores**. São Paulo: NUPAUB, 2001. 258 p.

MORIN, Edgar. **O método IV**. Portugal: Biblioteca Universitária, 1991. 233 p.

PÁDUA, Suzana Machado; SOUZA, Maria das Graças. **Eco-Gestão: poder da participação como ferramenta educativa**. Nazaré Paulista: IPÊ, 2003. 16 p.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. BIORREGIONALISMO: Identidade Histórica e Caminhos para a Cidadania. **In:** SATO, Michèle (Coord.). **Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso**. KCM: Cuiabá, 2002. p. 10-33.

SATO, Michèle et al. Diversidades poéticas no Pantanal. **In:** SATO, Michèle (Coord.). **Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso**. KCM: Cuiabá, 2002. p. 58-96.

SICK, Helmut. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 912 p.